

VÁRIA

Grupos sangüíneos nos indígenas de Tete (Zambézia) (1)

De Julho a Dezembro de 1936, fui encarregado duma missão de estudos antropológicos, arqueológicos e etnográficos à União Sul Africana e à nossa colónia de Moçambique.

Após a chegada a Tete, quasi fins de Setembro, dei immediato comêço aos meus trabalhos.

O agrupamento étnico dos *Nhungués*, precisamente da região de Tete, foi o primeiro que comecei a estudar. Uma semana de demora obrigada, e para não roubar oito dias ao pouco tempo de que dispunha, forçou-me a estudar os indígenas de Tete e povoações vizinhas, que se designam a si mesmos pelo nome de *Nhungués* e são também conhecidos pelo nome de *Chicundas*.

Fica assim explicada a razão pela qual iniciei os meus estudos por um agrupamento que, conquanto interessante, está já influenciado pelo branco, ao menos nos seus usos e costumes.

Outros indígenas do distrito de Tete têm também um grande interêsse. Assim succede, por exemplo, com os *Dêmas*, os *Zimbas*, os *Anserêres*, os *Antumbas* e os *Ambus*.

Os *Antumbas*, o outro agregado étnico em que também fiz um pequeno número de determinações de grupos sangüíneos, vivem na Angónia, cêrca de Vila Coutinho, e constituem o resto escasso dum grupo étnico autóctone, ou pelo menos ali existente quando os actuais *Angones* há cêrca de cem anos ali chegaram em onda invasora dominante.

Os *Antumbas* foram prontamente dominados e em grande parte absorvidos.

*
* * *

No estudo dos grupos sangüíneos adoptei a reacção de Shutze, Ottenberg e Fishbein, que se realiza misturando numa lâmina uma

(1) Êste trabalho foi presente à V.ª Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa, celebrada em Coimbra, e exposto na sessão da noite de 20 de Fevereiro de 1937.

gota de sêro padrão e uma gota de suspensão globular, feita com o sangue cujo grupo se quer determinar.

A técnica seguida consistiu na preparação da suspensão globular, misturando em vidros de relógio uma gota de sangue com três gotas de soluto de sêro fisiológico citratado (sêro a 9 ‰ — duzentas gramas; citrato de sódio — cinco gramas), e subsequente mistura duma gota desta suspensão globular com os sêros padrões II e III (1).

Disponha de pouco sêro padrão e falhou a prometida remessa de mais sêro. Foi por isso relativamente pequeno o número de determinações feitas, agrupadas nos quadros seguintes, mas que a-pesar-de tudo se prestam a interessantes considerações:

QUADRO I

GRUPOS	O		A		B		AB		NÚMERO DE CASOS
	Número de casos	‰	Número de casos	‰	Número de casos	‰	Número de casos	‰	
ANTUMBAS	22	78,5	4	14,3	1	3,6	1	3,6	28
OUTROS INDÍGENAS DE MOÇAMBIQUE (2)	94	60,6	25	16,1	31	20,0	5	3,2	155
Os dois grupos reunidos	116	63,4	29	15,8	32	17,5	6	3,8	183

(1) A descrição circunstanciada dêste método pode ver-se num trabalho que apresentei ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, intitulado *Contribuição para o estudo dos grupos sanguíneos nos indígenas das colônias portuguesas*, e publicado no vol. I dos trabalhos do referido Congresso, págs. 395 a 405, Porto, 1934.

O sêro padrão foi pronta e amavelmente cedido ao nosso Instituto de Antropologia pelo Laboratório de Análises do Hospital Geral de Santo António da Santa Casa da Misericórdia do Pôrto, que é superiormente dirigido pelo Sr. Prof. Doutor José Pereira Salgado.

(2) Estudados na I Exposição Colonial, no Pôrto (1933), compreendiam *Sênas, Ba-shopes, Ba-longas e Landins*.

QUADRO II

GRUPOS	O		A		B		AB		NÚMERO DE CASOS
	Número de casos	‰	Número de casos	‰	Número de casos	‰	Número de casos	‰	
ANTUMBAS	22	78,5	4	14,3	1	3,6	1	3,6	28
NHUNGUÉS	102	92,7	8	7,3	—	—	—	—	110
OUTROS INDÍGENAS DE MOÇAMBIQUE (1)	94	60,6	25	16,1	31	20,0	5	3,2	155
Os três grupos reunidos	218	77,8	37	12,6	32	10,9	6	2,0	293

Analisando os valores achados, que comparo e agrupo com os que determinei em outros indígenas da colônia de Moçambique a quando da Exposição Colonial, no Pôrto, verifica-se:

1.º — Os valores das percentagens dos grupos sanguíneos dos Antumbas e os do agrupamento de indígenas de Moçambique estudados na I Exposição Colonial concordam, mais ou menos, entre si (quadro I).

2.º — Os valores das percentagens dos grupos sanguíneos dos Nhungués afastam-se nitidamente (quadro II).

3.º — Os dois primeiros agrupamentos (quadro I) apresentam valores que concordam, até certo ponto, com os valores atribuídos aos negros da África, aproximando-se do tipo afro-sul-asiático de Ottenberg (O = 42 ‰; B = 28 ‰; A = 24 ‰, ou seja O > B > A). Entretanto é flagrante uma alta do grupo O.

4.º — O agrupamento étnico dos Nhungués apresenta na minha série um acentuado desvio, quer dos agrupamentos referidos, quer dos números médios estabelecidos para os negros da África. Êste desvio faz com que vá cair dentro do tipo O > A > B.

É impressionante esta diferença.

(1) Estudados na I Exposição Colonial, no Pôrto (1933), compreendiam: *Sênas, Ba-shopes, Ba-longas e Landins*.

Como explicar esta aparente anomalia das reacções hematólicas dos Nhungués?

É fácil responder atendendo aos resultados conseguidos sob o ponto de vista antropológico no que diz respeito a este tão interessante quanto prometedora capítulo da antro-biologia.

De facto o conjunto das investigações antropológicas sobre os grupos sangüíneos permite estabelecer quatro tipos étnicos principais:

- Tipo I — Povos em que aparecem os três aglutinogéneos A, B e O em proporção variável. É o tipo mais frequente.
- Tipo II — Caracterizado pela presença dos aglutinogéneos A e O — australianos, algumas tribus esquimós e Lapões.
- Tipo III — Presença dos aglutinogéneos B e O. Pouco frequente. Encontrou-se apenas em algumas tribus da Alta Birmânia.
- Tipo IV — Presença apenas do aglutinogéneo O. Também pouco frequente. Este tipo é característico dos povos isolados, como por exemplo dos Índios da América não mestiçados.

Dujarric e Kossovitch no seu livro recente *Les groupes sanguins*, 1936 (pág. III), apontam e destacam este facto, comentando:

Il est, du reste, curieux de constater que chez les peuples isolés, la valeur numérique du (aglutinogène O) est très élevée. Voici quelques exemples de ce fait. Italiens habitant un endroit près de Spezia O = 80,2; tribus berbères isolées dans les hautes montagnes de Tunisie O = 77,2; quelques tribus caucasiennes (Mingréliens) O = 75,1; Irlandais O = 74,6; Samaritains O = 71,1, etc.

Quer dizer, postas as justas reservas inerentes ao número relativamente pequeno das observações feitas, podemos aventar a hipótese plausível, de que o agrupamento étnico dos Nhungués estudados têm características de maior pureza do que os Antumbas, mestiçados grandemente com os Angones, e por estes quasi completamente absorvidos.

Em face desta conclusão é digno de especial interesse o estudo dos grupos sangüíneos nos indígenas da Zambézia portuguesa.

No mosaico étnico, constituído pelos Nhungués, Angones, Antumbas, Ambus, Zimbás, Sengas, Anserêres, Dêmas, Gôas, Tauáras e M'tongas existentes no distrito de Tete, o estudo hematológico de cada um deles deve fornecer-nos ótimos elementos para a apreciação do grau de relativa pureza de raça, de cada um dos agregados étnicos referidos.

A determinação dos grupos sangüíneos deverá tanto quanto possível ser feita em paralelo com a colheita de elementos antropométricos.

Na campanha do ano findo fiz o estudo antropológico dos Nhungués (60 ♂ e 31 ♀); na Angónia estudei 29 Antumbas e 6 Angones ou mestiços.

Na campanha de 1937 para a qual sua Excelência o Ministro das Colónias Sr. Dr. Francisco Vieira Machado, me deu a honra de novamente me designar, espero poder alargar o número das observações antropológicas realizadas e estudar novos agrupamentos.

Instituto Antropológico da Universidade do Pôrto — Fevereiro de 1937.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assist.-encarregado de regência da Universidade do Pôrto
Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura.

Nota sobre o Realismo Anatômico na Escultura Românica Nacional (1)

Não é rica de figuras humanas a escultura do Românico em Portugal:—onde elas abundam (embora, no geral, grosseiras e combalidas pelo tempo) é no exterior dos templos, mórmente nos pórticos e na cachorrada que sustenta os beirais dos telhados.

A curteza do tempo impede-me o necessário discreto à roda deste tema. Baste-nos folhear as obras de Joaquim de Vasconcelos, Monsenhor Ferreira e Cónego Aguiar Barreiros, de Aarão de Lacerda, de José Pessanha, de Manuel Monteiro, de Vergílio Correia, de Reinaldo dos Santos e outros autores, para se colher a importância e vastidão do assunto. E já não falamos de estrangeiros, que dariam para muito contar. No que respeita à iconografia, é dever que lembre, nesse particular, as preciosas *Arte e Ilustração Moderna*, do mestre gravador Marques Abreu.

Dixemos, pois, as generalidades do capítulo e passemos a um dos pormenores:—a representação da figura humana em igrejas cristãs, representação realista, demasiado crua, iconografia que tão mal impressiona a nossa sensibilidade!

Muito teria a dizer se pretendesse atrair atenções para a opulência do género em templos do estrangeiro, de *Notre Dame*

(1) Comunicação apresentada à V.ª Reunião da «Sociedade Anatômica Portuguesa», Coimbra, Fevereiro de 1937.

às catedrais de Santiago de Compostela e de Toledo, para não jornadas por mais largo.

Repetimos, no entanto e para único exemplo, o que escreveu o ilustre Abade de Baçal a propósito da Catedral de Leão, na Espanha (1):

«Lá está um esculápio a curar a cólica *miserere* de uma paciente com injeções de vento insuflado pela via rectal com um fole... Outro médico em palpações abdominais a uma doente em delíquios; uma solteirona de rosto inflamado e veias intumescidas sôbre uma bacia de cama, em puxos veementes, genialmente traduzidos em todo o seu jôgo fisionómico, na ância de aliviar os intestinos renitentes».

Entre nós, a imaginação não foi tão longe e ficou-se pobre, como pobre o Românico da nossa terra, *modesto, singelo e tímido, manifestando-se em pequenas e fáceis edificações que não exigiam grandes recursos materiais, nem demandavam engenheiros esclarecidos e adestrados nas subtilezas da arte de construir* (2).

Acresce, para a escultura e no norte do País, a rudeza e dureza do granito, em que grita o cinzel do imaginário ou canteiro.

Quanto aos motivos esculturais, disse também o brilhante autor do S. Pedro de Rates:

«Aparte uns breves assuntos em que a intenção religiosa e simbólica é incontestável, o rosto consta da figura humana hibridamente deformada, dos seres míticos de animais reais ou imaginários que se enfrentam, enlaçam ou devoram e de ornatos geométricos ou flóricos, traíndo as fontes de onde eram hauridos» (3).

A figura humana, *rigidamente esculpida, denotava o hirto e canhenho embaraço infantil da escultura no seu tardio e moroso resurgir* (4).

De outra banda, elucida o Cónego Aguiar Barreiros (a respeito do simbolismo cristão) que este se destinava, nos templos, à ministração de ensinamentos morais e religiosos. A representação de animais era freqüente: — *uma espécie de zoologia mística*. Os monstros e as feras representavam os vícios. A *figura humana, com diferentes atributos*, bem como os animais nobres, significavam as virtudes. Por isso, o pavão quiere dizer vaidade; o tigre, arro-

(1) Francisco Manuel Alves, *Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*. No Arquivo de Simancas. Tomo VIII, 1932. Pôrto. Pág. IX.

(2) Manuel Monteiro — S. Pedro de Rates. *Com uma introdução acerca da Arquitectura românica em Portugal*. 1908. Pôrto.

(3) Manuel Monteiro. Id., id.

(4) Manuel Monteiro. Id., id.

gância; o macaco, avareza; um porco ou um homem com cabeça de suíno, luxúria; o lobo, a gula; o cão a inveja, etc. (1).

«Essas carrancas e seres híbridos gravados nos modilhões e goteiras, que materializam os vícios expulsos dos santuários, recordam, como diz Huyssmans, ao que passa, vendo-os espumar a jorros as escórias dos beirais dos telhados, que fora da Igreja é que estão as gemonias do espírito e os esterquilíneos da alma, etc.» (2).

Outros animais representam virtudes: o boi e o burro, a humildade; a pomba e o elefante, a castidade; o galo e o leão, oração e vigilância, etc.

De norte a sul de Portugal há exemplares destes símbolos, que atingem, por vezes, as fronteiras dum bárbaro realismo. É, muita vez, também, tal realismo aborda a fronteira da mais crua obscenidade. Lembro, entre muitas mais, as figuras duma das esquinas da torre da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães e da Sé de Lamego, esta já devidamente apreciada por Aarão de Lacerda (3).

Este nosso distinto crítico de Arte, como todos sabem, escreveu um dia extensa obra sôbre os símbolos nas suas relações com o Cristianismo (4). Peça fundamental na bibliografia dum trabalho da natureza deste que tenho a honra de apresentar-vos, merece aqui destaque e indicação para esmiuçada leitura. Diz-nos o ilustre amigo:

«Nas arquivoltas, nos capitéis, nos modilhões, enclavinavam-se ou rastejavam os animais imundos, figuras malditas, corroidas ou acicatadas pelas tentações. Os monges e os seculares viam às horas mortas e silenciosas da noite estes seres fantásticos que a nevrose do pecado fazia vir do abismo ardente, ululando, num torvelinho doido, envolvendo e arrastando tudo para as chamas» (5).

Aarão de Lacerda extrai de Durant de Mende a explicação das figurações licenciosas, expostas nos templos: «*Moderat vero uti picturis ad bona incitanda reprehensibile non est; unde dominus ad Ezechielem: Ingredere et vide abominationes pessimas quas isti faciunt*». (Ration, Divin. Officior, Lib. I, Cap. III, Seg. Auber).

(1) Manuel de Aguiar Barreiros, *Elementos de Arqueologia e Belas Artes*. 1917. Braga.

(2) M. Aguiar Barreiros, *Ob. cit.*

(3) Aarão de Lacerda, *Da Ironia, do Riso e da Caricatura*.

(4) Aarão de Lacerda, *O Fenómeno religioso e a Simbólica*. (Subsídios para o seu estudo). Pôrto, 1924.

(5) Aarão de Lacerda, *O Fenómeno religioso, etc. Ob. cit.*

Os artistas esculpiam no rude granito ou no calcáreo dócil, os vícios e as aberrações sexuais de toda a ordem; frequentemente, não se tratava somente de símbolo, mas da representação viva dos actos ou atitudes condenadas, o que S. Nilo e S. Bernardo combatem animosamente (1).

*
* * *

Não posso alargar o tema e, por isso, entro na matéria. Não nos pode ser indiferente a representação escultórica da morfologia humana, rude, inquieta, grosseira, na Arte Românica.

Eis porque trouxe a esta assembleia seis exemplares da escultura realista dos séculos XII ou XIII, que considero inéditos, escondidos num lindo vale minhoto.

Encontram-se no exterior da parede voltada ao Sul da Igreja de S. Salvador do Souto, a poucos quilómetros de Guimarães. Igreja e convento anexo, fundado nos princípios da nacionalidade, por D. Paio Guterres, mereceram já estudo histórico ao saudoso Abade de Tâgilde, que arrolou copiosa documentação em alguns fascículos da *Revista de Guimarães* (2).

A parte arquitectónica está inédita. Conservo-a bosquejada no meu canhenho de estudos. O que aprese-to nesta sessão é um grupo de rápidos esboços que consegui desenhar, à falta de aparelho fotográfico. Ornamentam outros tantos modilhões que rematam as voltas duma curiosa e bem historiada arcaria que sustenta o beiral, desse lado.

Em meu entender, são os mais trabalhados modilhões que existem nas igrejas românicas do concelho de Guimarães; que comecei a estudar há anos (3). Outros modilhões ornamentados se encontram nas de S. Torcato, Santa Cristina de Cerzedelo, e de S. Martinho de Candoso, do mesmo concelho.

Nos seis a que me refiro esculpiu o artista figuras de homens e de mulheres em várias posições:

—Uma mulher nua sentada, as mãos postas nos joelhos, seios bem marcados e muito assinalados também os grandes lábios da vulva. Fig. 1, 13.

(1) Aarão de Lacerda, *O Fenômeno religioso*, etc. Ob. cit.

(2) Oliveira Guimarães, *Documentos inéditos dos séculos -XXIV. Mosteiro de Souto*. *Revista de Guimarães*, vol. VI, 2, 1898. Porto.

(3) Luiz de Pina, *O Românico no Concelho de Guimarães* (Igrejas de Salvador de Pinheiro, S. Miguel do Castelo, S. Pedro de Polvoreira, S. Cipriano de Taboadelo, Santa Eulália de Pentieiros). *Revista de Guimarães*, 1926-1928-1927-1929.

— No modilhão junto, à esquerda, um homem nu que carrega

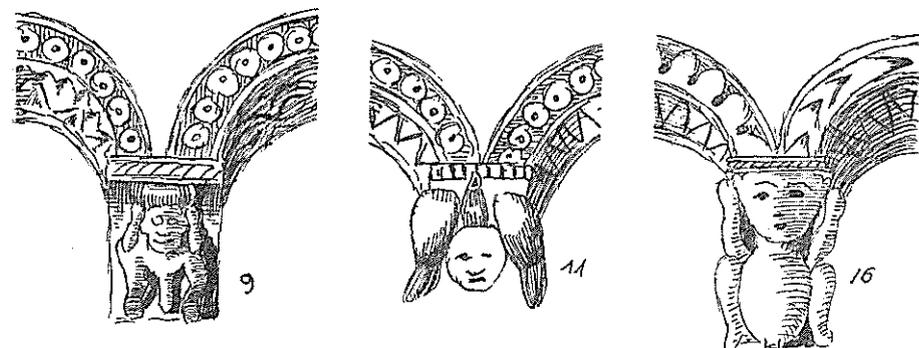
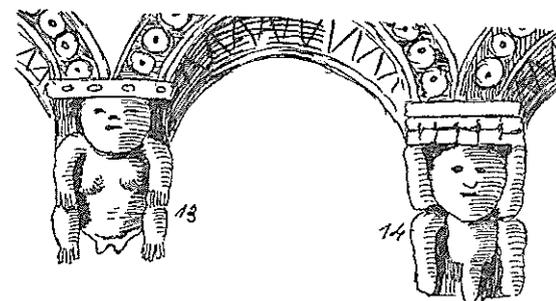


Fig. 1

um fardo à cabeça, apoiando os cotovelos nos joelhos. Em seu lugar, o pénis pendente e desmedido. Fig. 1, 14.

— Idêntica figura aparece noutra modilhão (em vez do fardo, um barril). Fig. 1, 9.



Fig. 2

Orleães (Fig. 2), que representa uma mulher no acto de parir um ser fantástico, cujas pernas se assemelham às dum fauno ⁽¹⁾.

LUIZ DE PINA

Professor aux. da Faculdade de Medicina
da Universidade do Pôrto.

(1) Cópia do autor sobre uma fotografia do livro de Aarão de Lacerda, *O fenómeno religioso*, etc. Ob. cit., pág. 440.

Um pico asturiense de Ponte do Lima

Os estudos da pre-história do Minho eram há poucos anos ainda extremamente reduzidos. Não se passava da idade do bronze e da cultura megalítica além, desconhecendo-se quaisquer documentos relativos ao paleolítico.

Descobertas arqueológicas recentes e investigações minuciosas de vários cientistas puzeram, porém, à mostra documentos de grande valor, até aí desconhecidos, e fizeram recuar para mais longínquos períodos a data da primeira ocupação humana da nossa província.

No entanto, embora se tenha verificado um progresso enorme no conhecimento da arqueologia minhota o que é certo é que as próprias idades do bronze e do ferro não estão ainda suficientemente investigadas, a cultura castreja está quasi por estudar, havendo factos que se torna necessário aclarar e conclusões que é preciso corrigir.

Entre as últimas mais valiosas descobertas arqueológicas feitas no norte de Portugal figura sem dúvida a da cultura asturiense. Desde que o Dr. Joaquim Fontes identificou a estação de Camposancos na Galiza, e, em seguida, Rui de Serpa Pinto encontrou os característicos *picos asturienses* em Âncora ⁽¹⁾, achado de grande valor não só pelo que representa em si, mas também pelo interesse que despertou, um novo período surgiu para a arqueologia minhota. Novas estações surgiram ao longo da costa; Abel Viana descobre as de Viana e Areosa; o P.^o Saraiva Miranda encontra as estações dos contrafortes do Soajo; Afonso do Paço, o P.^o João Loução, José R. de Araújo e Tomaz Simões Viana fazem achados de valor.

M. Dias Gaspar, recentemente ainda, descobriu vários *picos asturienses* na Foz e em Lavadores ⁽²⁾.

A cultura asturiense parece que alastrou ao longo das costas e é natural que tivesse subido o curso dos rios. Provam-no diversas estações encontradas à margem do Lima.

Confirmando o que acabamos de dizer temos sobre a mesa de trabalho um desses *picos*, bem característico, encontrado perto de Ponte do Lima pelo Ex.^{mo} Sr. Alexandre Cardoso Amorim. As fotografias e o desenho junto reproduzem esse objecto.

(1) Estes picos são, segundo J. Fontes, « os mais velhos pergaminhos dessa região rica em história, em arte e em belezas naturais ».

(2) Mendes Correia, *As origens da cidade do Pôrto*. 1935.

É um instrumento de secção amigdalóide, de quartzite, amarelado e bem patinado, que pelo tamanho e pela forma se aproxima de um outro descrito por Abel Viana, proveniente de Seixas (1).

Registamos o achado e esperamos que novas pesquisas sejam feitas, para o discutir

Braga, 1936.

CARLOS TEIXEIRA.

Missão antropológica em Moçambique

No nosso estudo *Prehistória de Moçambique* (2), aludimos com pesar ao atraso lamentável dos estudos de paleantropologia moçambicana, evocando dolorosamente as palavras de York Mason, ao notar a falta de indicações colhidas na nossa província para esclarecimento do problema das ruínas da Rodésia: «até agora, Moçambique é um livro fechado». Registrando naquele trabalho as notícias mais ou menos vagas de dois ou três achados arqueológicos realizados na vasta colónia portuguesa, apresentávamos um plano de estudos a realizar com urgência. Também numa conferência em 27 de Janeiro de 1936, na Sociedade de Geografia de Lisboa, tínhamos lançado um apêlo, inspirado tanto pelo patriotismo como por um dever de cientista, para que se ampliassem sem demora, de maneira sistemática, os estudos antropológicos e etnográficos já iniciados de modo parcelar na nossa África Oriental.

Não tínhamos a esperança de que os nossos apêlos, quasi verdadeiros brados de alarme, fôsem prontamente ouvidos, tão habituados estamos à lentidão das nossas coisas. Pois foram-no. Todos os louvores são poucos ao ilustre Ministro das Colónias, sr. dr. Francisco Vieira Machado, por ter escutado as nossas instâncias e com pronta decisão ter concedido os meios para se levar por diante a indispensável tarefa, em cuja efectivação louvavelmente se interessaram também a Junta de Investigações

(1) *Estações paleolíticas do Alto-Minho* — «Portucale», v. III, n.º 15, 1930. Est. v, fig. 4.

(2) *Prehistória de Moçambique — Um plano de estudos* — «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», t. xx, Pôrto, 1936. Resumo de comunicações ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial em 1934 e na abertura da Exposição de Etnologia Sul-Africana, em 15 de Março de 1935, na Universidade do Pôrto.

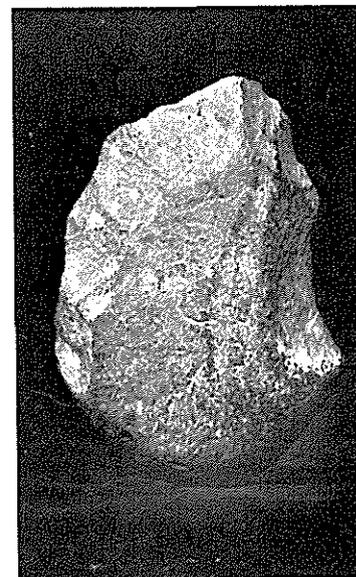


Fig. 1

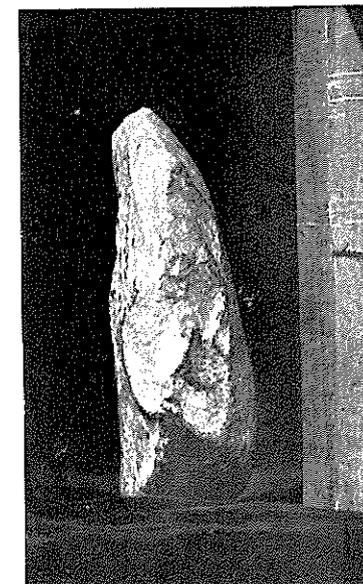


Fig. 2

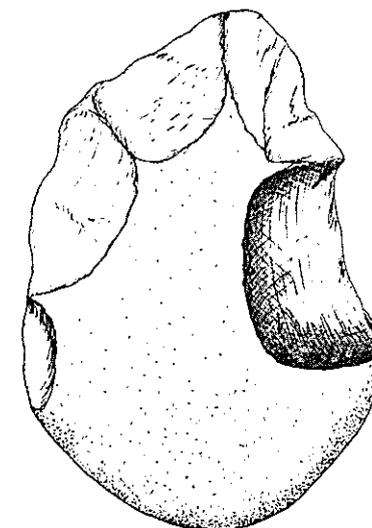


Fig. 3

Científicas Coloniais, o Instituto para a Alta Cultura, o chefe da Missão Geográfica a Moçambique, sr. comandante Baeta Neves, e, dum modo digno de especial relêvo, o nosso malogrado colega da Universidade de Coimbra, prof. Luís Carriço, recentemente arrebatado pela morte quando em Angola estava realizando também uma missão botânica, de que fôra o organizador e era o chefe. Com os nossos louvores a tôdas as entidades citadas, deixamos aqui exarado o preito da nossa saúde e do nosso reconhecimento à memória do ilustre director do Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques.

Convidado o Instituto Antropológico da Universidade do Pôrto a enviar o seu director para a missão a Moçambique, cuja efectivação técnica pertenceria a êste instituto universitário de investigação, indicou o director dêste estabelecimento científico, na impossibilidade de se consagrar pessoalmente a essa tarefa, um dos seus colaboradores, o dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, assistente e encarregado de curso na Faculdade de Ciências, para levar a efeito a projectada missão científica.

Em 30 de Julho de 1936 embarcava o dr. Santos Júnior em Lisboa para o Cabo. Na Cidade do Cabo, onde desembarcou, visitou o Museu, com as suas gravuras e pinturas rupestres, a colecção arqueológica do prof. Godwin, o Instituto Anatómico e outras instituições. Seguindo para Johanesburgo, foi admiravelmente acolhido ali no Instituto do prof. Dart, que, como o seu assistente dr. Lawrence Wells e outros colaboradores, já prestara, a nosso convite, o mais valioso concurso ao Congresso de Antropologia Colonial de 1934, no Pôrto. Visitou ali também a colecção arqueológica do prof. Riet Lowe, partindo para Pretória, em cujo Museu estudou mais gravuras rupestres.

Em 30 de Agosto vai a Lourenço Marques, onde visita o Museu Álvaro de Castro, e regressa em 4 de Setembro a Johanesburgo para visitar as cavernas de Sterkfontein, onde se descobrira, havia pouco, um novo Australopiteco, o *Australopithecus transvaliensis* do dr. Broom, podendo o dr. Santos Júnior examinar êsses curiosos restos fósseis, como outros restos de primatas fósseis sul-africanos.

Em Bulawayo visitou o Museu (Dr. Georg Arnold e Neville Jones) e, na sua digressão a Victoria Falls, encontrou nas proximidades das célebres cataractas instrumentos líticos que depois verificou provirem duma estação que pouco antes fôra descoberta por Neville Jones. Foi visitar minuciosamente as famosas ruínas de Zimbábue, o Museu de Salisbury e abrigos, com pinturas, de Marandelas e outros pontos.

Da Rodésia passou de novo em 24 de Setembro para Moçam-

bique. Instalando-se em Tête estudou ali antropológicamente 60 homens e 31 mulheres Nhungués, colhendo ainda outros elementos científicos. Na Angónia, observou 29 Antumbas e 6 Angonis. Foi a Chifumbazi estudar as célebres pinturas rupestres ali existentes, das quais havia até agora um conhecimento muito imperfeito. Teve notícia de pinturas análogas na Serra do Chicorone. Colheu peças etnográficas de indígenas de Coera, registou numerosas tatuagens, e, numa jornada exaustiva, descobriu no caminho entre Marissa e Panhantchenge uma estação prehistórica da cultura rodesiana de Wilton, a primeira desta cultura encontrada em Moçambique.

Em 2 de Novembro tomou em Vila Pery o comboio para a Beira, embarcando em 4 para Lisboa, onde chegou em 9 de Dezembro.

Esta primeira campanha que visava ser apenas de reconhecimento e, em grande parte, foi ocupada com uma indispensável visita preparatória a centros científicos e estações do Cabo, do Transvaal e da Rodésia, não deixou de fornecer, entretanto, numerosos materiais inéditos de antropologia, arqueologia e etnografia moçambicanas ao investigador português. Este fez sobre os seus trabalhos conferências em Lisboa e Pôrto e publicou já alguns estudos baseados nas suas investigações, como, por exemplo, uma notícia sobre os grupos sanguíneos nos indígenas da nossa Zambézia. O Museu de Antropologia da Universidade do Pôrto recebeu já a colecção obtida por Santos Júnior na sua jornada, e possivelmente esta revista publicará integralmente o seu relatório oficial.

Reconheceulouvavelmente o ilustre Ministro das Colónias a vantagem de não ficarem por ali as frutuosas pesquisas do dr. Santos Júnior em Moçambique e, assim, no momento em que escrevemos estas linhas, está publicado o decreto que autoriza em 1937 a segunda campanha de trabalhos da missão antropológica, arqueológica e etnográfica, confiada a Santos Júnior, o qual deve partir para Moçambique em meado de Agosto, devendo no seu regresso obter nas colecções coloniais dos Museus de Paris, Tervueren, Amsterdão e Berlim, os elementos de comparação de que necessitar para os seus estudos dos materiais reunidos na África Oriental Portuguesa. A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e o Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto exprimiram ao sr. dr. Vieira Machado as suas felicitações e os seus agradecimentos pelo prosseguimento da louvável iniciativa.

A Santos Júnior são devidos os nossos melhores aplausos pelo seu zelo científico e os votos mais fervorosos pela conti-

nuação dos seus êxitos nesta missão que interessa simultaneamente à Ciência e à Pátria.

Recordando a frase de York Mason que escrevemos no princípio desta notícia, podemos com júbilo dizer enfim que Moçambique já não é para a Arqueologia «a closed book», mas um livro que a Ciência portuguesa começou a folhear nessa e noutras matérias, honrando tradições gloriosas, que vinham do século XVI, em vários domínios do saber humano.

MENDES CORRÊA.

Prof. Bethencourt Ferreira

Atingido pela lei do limite de idade, deixou o exercício efectivo do magistério o ilustre colaborador desta revista e professor auxiliar da Faculdade de Ciências do Pôrto, dr. J. Bethencourt Ferreira.

A sua saída do serviço motivou uma calorosa homenagem de apreço e simpatia que lhe foi tributada no Instituto de Antropologia e à qual concorreram os srs. reitor da Universidade, directores da Faculdade e do Instituto, governador civil do Pôrto, professores, assistentes, estudantes, admiradores, amigos pessoais, representantes da imprensa, etc. Trocaram-se comovidas saudações.

Zoólogo eminente, o sr. dr. Bethencourt Ferreira regeu várias disciplinas de Zoologia e é autor duma larga bibliografia zoológica. Tem sido, porém, igualmente meritório o seu labor no domínio da Antropologia, devendo mencionar-se os seus estudos sobre o índice condiliano de Baudoin, costelas cervicais no homem, índice crânio-mandibular, o malar, crânios indianos do Museu Bocage, tatuagens em relêvo em indígenas das nossas colónias, a viagem científica de Alexandre Rodrigues Ferreira no Brasil no fim do século XVIII, delinqüência colectiva, gerontíase precoce, a espiral prehistórica, a ofidiologia popular, a origem do homem, etc.

Saudamos o ilustre investigador de cujo labor científico ainda felizmente, mercê do seu vigor físico e mental, ainda há muito a esperar.

M. C.

O Prof. Mendes Corrêa no Brasil

A convite do *Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro*, o Prof. Mendes Corrêa, Presidente da nossa Sociedade, visitou novamente o Brasil, a-fim-de tomar parte, como orador oficial, na sessão solene de comemoração do Centenário daquela Instituição, que se efectuou em 14 de Maio findo.

Teve essa jornada o completo êxito da anterior, realizada em 1934.

O Prof. Mendes Corrêa não se limitou a colaborar naquela festa; visitou também grande número de entidades e de instituições, nas quais foi saúdo calorosamente, e acedeu a vários dos muitos convites recebidos para realizar conferências em colectividades brasileiras. Dos jornais que se referem às homenagens prestadas ao ilustre Professor, e às conferências por êle realizadas de 14 de Maio a 28 do mesmo mês, ante-véspera do seu embarque para regresso a Portugal, limitámo-nos a extrair a nota dessas conferências:

— Em 14, no *Gabinete Português de Leitura*, sôbre o Centenário desta importante agremiação;

— Em 18, na *Sociedade de Medicina e Cirurgia*, sôbre «As novas directrizes da Antropologia Criminal»;

— Em 19, no *Museu Nacional do Rio de Janeiro*, sôbre a «Pré-história Portuguesa»;

— Em 21, na *Universidade do Distrito Federal*, sôbre a «Antropologia Portuguesa»;

— Em 25, no *Museu Histórico Nacional*, sôbre «As raças da Pré-história»;

— Em 26, na *Biblioteca Central de Educação (Rádio-Nacional)*, sôbre «Europeus e Africanos na etnogenia brasileira»;

— Em 27, no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, sôbre «O Homem dos sambaquis»;

— Em 28, no *Centro D. Vital*, sôbre as «Incertezas e divergências do transformismo»;

— No mesmo dia, na *Academia de Medicina*, sôbre «Morfologia e tipos constitucionais na Arte».

O Prof. Mendes Corrêa foi agraciado com a Ordem do Cruzeiro do Sul no Ministério das Relações Exteriores, e na noite de 29 foi-lhe oferecido um magnífico banquete, de duzentos talheres, no qual tomaram parte as figuras mais eminentes da Colónia Portuguesa do Rio de Janeiro, autoridades, académicos, catedráticos, representantes da imprensa, muitas senhoras, etc., sendo o discurso oficial pronunciado pelo Sr. Conselheiro Camêlo Lampreia, antigo Ministro de Portugal no Brasil e Presidente de Honra do *Gabinete Português de Leitura*.

Em 29 embarcava o Prof. Mendes Corrêa para Portugal.

Não é necessário dizer quanto a nossa Sociedade se congratula com a actividade do seu Presidente no país irmão, e com as homenagens que lhe foram tributadas.

A. ATHAYDE.

Lutuosa

Grandes perdas sofreu a Antropologia nos últimos tempos com o desaparecimento de alguns dos seus mais ilustres cultores. Mencionaremos em primeiro lugar o prof. Giuseppe Sergi, que faleceu em idade proveccta, mas ainda recentemente exercia uma enorme e fecunda actividade científica. Professor de Antropologia da Universidade de Roma, cargo em que há anos foi substituído por seu filho, o ilustre antropólogo prof. Sergio Sergi, o venerando e saúdo Mestre exerceu também as altas funções de Reitor da mesma Universidade. Deixou uma vasta e importante bibliografia, em que tratou com superior competência e erudição ampla e profunda variados temas de antropologia física, psicologia, pedagogia, sociologia, paleontologia humana e dos Mamíferos, biologia geral, etc. Devem-se a Giuseppe Sergi opiniões originaes sôbre a genealogia humana e a classificação dos Hominídeos. Era poligenista, não admitindo a evolução senão dentro dos grupos ou estirpes, não de uns grupos noutros. Para a classificação apoiava-se sobretudo nos caracteres descritivos do crânio e do vivo, ligando menor importância aos métodos métricos. Entre as suas obras, avultam *L'Uomo, Africa, I Mammiferi, Problemi di Scienza Contemporanea, Gli indigeni americani*, etc.

Não perfilhando muitas teorias de Sergi, tendo mesmo oposto objecções a algumas delas, conservamos do grande sábio a mais grata e saúdosa recordação. Encontramo-nos em 1926 em Roma, no Congresso de Americanistas, e foi-nos agradabilíssimo o seu convívio. Estivemos juntos numa inolvidável visita à necrópole etrusca de Caere. Era encantadora a sua conversa, bondoso o seu trato. Era um expositor admirável.

Desde a sua fundação, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia contava, com desvanecimento, o nome glorioso de Giuseppe Sergi no número dos seus sócios honorários. À Universidade de Roma, à Sociedade Romana de Antropologia e sobretudo a Sergio Sergi renovamos nestas páginas o testemunho de condolência que lhes endereçamos, por deliberação unânime tomada em reunião científica da nossa Sociedade logo que tivemos notícia do lutuoso acontecimento.

Associou-se também esta colectividade às manifestações de pesar que suscitou a morte doutras eminentes individualidades, como o célebre anatomista e antropólogo inglês prof. Elliot Smith, autor de importantes trabalhos sôbre a antropogénese, as raças actuais e fósseis, e o cérebro humano, e professor da Universidade

de Londres. Igualmente foi sentida, com vivo desgosto, a morte do ilustre professor de anatomia da Faculdade de Medicina de S. Paulo, A. Bovero, que faleceu quando de visita à sua Pátria, a Itália. Era uma pessoa encantadora e um autêntico sábio, cuja actividade se manifestou numa larga bibliografia e no belo instituto de que foi o organizador na grande metrópole paulista. À Faculdade de Medicina de S. Paulo e aos dedicados colaboradores do saúdoso professor no seu instituto, enviou e renova a Sociedade as suas condolências. Há dois anos que a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia se honrara com a inclusão do prof. Bovero no número dos seus membros correspondentes.

Em Portugal, a arqueologia e a etnografia foram há meses enlutadas com a morte de Félix Alves Pereira, antigo conservador do Museu Etnológico Português e membro da Academia das Ciências e da extinta Junta de Escavações e Antiguidades. Autor de valiosos trabalhos, especialmente sobre estações dos arredores de Lisboa e do Alto Minho, sobre as estátuas de guerreiros calaico-lusitanos, sobre geografia e etnologia antigas do território, etc., Alves Pereira possuía uma verdadeira vocação de investigador, a par da mais penhorante e leal afabilidade e duma espontânea modéstia. Pertencia à falange reduzida dos verdadeiros cientistas que não devem apenas esta sua qualidade a posições oficiais ou universitárias a que foram guindados por afortunado capricho da sorte, mas a reais aptidões e a uma séria preparação para a pesquisa científica no domínio da sua especialidade.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, embora não tivesse a honra de contar Alves Pereira entre os seus membros, não deixou de exprimir publicamente, e perante a família enlutada, o seu pesar por tão grande perda para a Ciência portuguesa.

M. C.

*
*
*

Embora não pertencesse à nossa Sociedade, o cientista que acaba de desaparecer na Eternidade, devemos considerar que ele foi um dos predecessores da moderna escola de Antropologia criminal portuguesa. Efectivamente foi como criminalista que o dr. Alfredo L. Lopes se evidenciou por bom número de publicações relativa a este ramo científico, de importância social muito grande. Foi médico das cadeias civis, em Lisboa, e este facto conferiu-lhe especial autoridade entre nós, nos assuntos criminais. Neste difícil cargo, em que poderia limitar-se ao exercício de deveres clínicos, a auscultar os encarcerados e a prescrever fórmulas e dietas, encontrou o ilustre homem de saber um

vasto campo de observação, áspero de trilhar, mas inteiramente aberto à sua indagação, se pode dizer, das primeiras em Portugal, no ponto de vista antropológico e criminalista, atraente pela novidade e estranheza do ambiente, um tanto hostil, não só da parte dos examinados, mas ainda dos juristas, um tanto hesitantes e cepticos sobre a Ciência Nova, que pretendia introduzir-se na prática, sobretudo no fôro criminal. Já antes esta hostilidade manifesta tinha alvejado o dr. Ferraz de Macedo. É, porém, certo, que o dr. A. Luís Lopes venceu com serena habilidade e impassível denodo os obstáculos de várias ordens, que se opunham ao desempenho da sua arriscada missão e conseguiu assim publicar alguns dos primeiros trabalhos de Criminologia, que o impuseram como especialista deste ramo, *avant la lettre*, como se costuma dizer, quando esta nova ciência se não achava ainda constituída no nosso meio jurídico-científico, quando a incerteza dos resultados tornava incerta a confiança nos novos métodos de investigação criminal. No entanto, o dr. A. L. Lopes foi dos primeiros, entre nós, a exercer a prática antropológica, nesse meio ingrato dos delinquentes e pode-se afirmar também que ele fez *Antropologia clínica*, quando da iniciação desta ciência e isto tanto pelo lado dos criminosos observados, como em face ou ao lado da Assistência aos tuberculosos, de que o desaparecido e desinteressado homem de ciência foi um verdadeiro apóstolo e um dos pilares em Portugal. Por isso o exame médico objectivo dos enfermos ou candidatos à tísica era feito por ele com notável sentido antropológico e esse exame, assim orientado, forneceu esclarecimentos preciosos para a clínica e para a profilaxia da enfermidade mais dizimadora, que ainda hoje depaupera e aniquila enormes percentagens da nossa espécie. Data desta época de maior actividade profissional do dr. A. L. Lopes a instalação dos postos antropométricos, que em 1895 eram preconizados pelo ilustre jurista dr. Ferreira Augusto, os quais já funcionavam, de maneira simples e rudimentar, nas cadeias civis de Lisboa (Penitenciária Central e Limoeiro), sendo o do Limoeiro da iniciativa do dr. A. Luís Lopes (1). Estão publicadas numerosas estatísticas e tabelas, que revelam a operosidade considerável deste autor, cuja modéstia e bondade eram qualidades primaciais de carácter.

B. FERREIRA.

(1) Cf. Prof. L. de Pina, *Identificação em Portugal*, no «Arq. Antrop. Criminal, Psicol. e Identificação Civil do Porto», IV, 1 e 2, 1936.